

BELLE ÉPOQUE

a cidade e as experiências
da modernidade



CARMEM NEGREIROS ■ FÁTIMA OLIVEIRA ■ ROSA GENS (Orgs.)

BELLE ÉPOQUE

a cidade e as experiências
da modernidade



© Relicário Edições

© Autores

CIP –Brasil Catalogação-na-Fonte | Sindicato Nacional dos Editores de Livro, RJ

N385b

Negreiros, Carmem

Belle Époque: a cidade e as experiências da modernidade / Carmem Negreiros,
Fátima Oliveira, Rosa Gens. - Belo Horizonte, MG : Relicário, 2019.

348 p. : il. ; 15,5cm x 22,5cm.

Inclui bibliografia e índice.

ISBN: 978-85-66786-88-0

1. Cultura. 2. Belle Époque. 3. Cidade. 4. Espaço urbano. 4. Modernidade. I.
Oliveira, Fátima. II. Gens, Rosa. III. Título.

CDD 306.0951

2019-392

CDU 316.7

CONSELHO EDITORIAL

Eduardo Horta Nassif Veras (UFTM)

Ermani Chaves (UFPA)

Guilherme Paoliello (UFOP)

Gustavo Silveira Ribeiro (UFMG)

Luiz Rohden (UNISINOS)

Marco Aurélio Werle (USP)

Markus Schäffauer (Universität Hamburg)

Patrícia Lavelle (PUC-RIO)

Pedro Süsskind (UFF)

Ricardo Barbosa (UERJ)

Romero Freitas (UFOP)

Virginia Figueiredo (UFMG)

COORDENAÇÃO EDITORIAL Maíra Nassif Passos

PROJETO GRÁFICO & DIAGRAMAÇÃO Ana C. Bahia

REVISÃO Ana Bernardes

RELICÁRIO EDIÇÕES

Rua Machado, 155, casa 1, Colégio Batista | Belo Horizonte, MG, 31110-080

relicarioedicoes.com | contato@relicarioedicoes.com

Apresentação 7

CIDADE, MODERNIDADE, CRIAÇÃO

A cidade do Rio de Janeiro: um jardim na *Belle Époque*?

Armando Gens 13

Ceci n'est pas un conte:

Bécassine e a mutação da cultura popular na *Belle Époque*

Cristina Álvares 35

Uma ausência sintomática: à procura de Viena no romance de Robert Musil

Érica Gonçalves de Castro, Guilherme Ignácio da Silva 55

O riso de Rabelais e a literatura licenciosa na *Belle Époque*

Leonardo Mendes 73

Paris *fin-de-siècle* e *Belle Époque*

Maria do Rosário Girão Ribeiro dos Santos 93

A cidade de papel: transformações modernizadoras, sociedade e cultura literária no Rio de Janeiro da *Belle Époque*

Maurício Silva 121

Sebastianópolis frenética e disfórica:

a face obscura de uma bela época tropical

Renato Cordeiro Gomes 135

EXPERIÊNCIA URBANA, TECNOLOGIAS, IMAGENS

Rio de *Retalhos* nos cadernos de Lima Barreto

Carmem Negreiros 153

Notas íntimas, obras públicas: o “diário” de Lima Barreto e a Grande Reforma Urbana do Rio de Janeiro (1903-1905)

Fátima Oliveira 181

Juó Bananére, poeta do entrelugar

Jean Pierre Chauvin 209

O modernismo na ficção de Lima Barreto

José Osmar de Melo 229

Lanterna mágica e *vue d'optique*:

instrumentos proustianos de projeção de memórias

Luciana Persice 261

Considerações sobre a crônica de João do Rio: “Cinematógrafo”

Marcus Vinicius Nogueira Soares 281

Um ouvido atento: música e modernidade no Rio de Janeiro da

Belle Époque em três crônicas de Lima Barreto

Mônica Vermes 305

Vestígios antigos sob a escrita das cidades de

Joaquim Nabuco e Euclides da Cunha

Ricardo Souza de Carvalho 323

Sobre os autores 341

APRESENTAÇÃO

Este livro apresenta uma parte das investigações desenvolvidas pelo grupo de pesquisadores associados ao Laboratório de Estudos de Cultura e Literatura da Belle Époque – LABELLE, sediado no Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Trata-se de problematizar a cidade como centro de rico intercâmbio cultural e intelectual, na alta rotatividade de pessoas em lojas, cafés, galerias, museus, teatros, becos e avenidas. A cidade aqui pensada não é realidade objetiva ou espaço alternativo. A cidade é poética e antipoética, real e irreal, intensa e tediosa, metáfora dos múltiplos fragmentos culturais dispersos e moventes, eixo de novas experiências temporais que marcam a sensibilidade moderna do final do século XIX e início do XX.

Na experiência urbana do período, excitação e rapidez convivem com seu extremo, tédio e torpor, conforme a observação de muitos pensadores, como Nietzsche, que questiona: “A quem pertence o nosso mundo moderno: ao esgotamento ou à ascensão? [...] Contraposição da mobilidade externa a um certo peso profundo e um cansaço” (NIETZSCHE, 2008, p. 62).

A dramática e ambígua vida moderna carrega uma nova percepção temporal, evidenciada no contato com diversas inovações tecnológicas presentes na experiência urbana. Esta lança o pedestre no turbilhão do tráfego e da multidão, que tornam porosas as fronteiras de espaço e tempo, impondo ao indivíduo um novo ritmo e transformando as cidades em locais geradores de grande riqueza e tensão intelectual e artística. Elas exercem um poder de repulsão e atração sobre as sensibilidades e alargam as fronteiras da experiência, tomando intercambiáveis e controversos termos como multidão e solidão, conforme registrou a poesia de Baudelaire. Instaura-se o que conhecemos hoje por *cosmopolitismo* e permanece como um estilo

de vida a nos lançar, habitantes dos grandes centros, desafios constantes e renovados.

Esse período, também chamado “belos tempos”, é resultado da notável prosperidade econômica verificada de meados dos anos 1890 até a Grande Guerra, cujo epicentro estava na Europa com reverberações na estrutura social e econômica do Rio de Janeiro, então capital da República brasileira. O eixo principal das mudanças localiza-se nas transformações urbanísticas que modificaram o panorama de muitas cidades latino-americanas, dentre as quais se destaca a Grande Reforma Urbana do Rio de Janeiro (1902-1906), que colocou a cidade, até então uma urbe de feições coloniais, à altura dos “belos tempos”, como ocorrera com o “bota abaixo” e posterior reconstrução da Paris, de Haussmann, no século XIX.

A reconfiguração do espaço urbano torna visível e ressignifica o sentido de moderno, compreendido não mais como oposição a eterno e antigo, mas como ponto transitório no fluxo do tempo que anula a possibilidade de precisar uma origem do presente, no passado, em meio à aceleração contínua que marca a experiência na transição do século XIX para o XX. A teoria estética de Baudelaire pontua esse aspecto e determina uma nova concepção de modernidade:

A Modernidade é o transitório, o efêmero, o contingente, é a metade da arte, sendo a outra metade o eterno e o imutável. Houve uma modernidade para cada pintor antigo: a maior parte dos belos retratos que nos provêm das épocas passadas está revestida de costumes da própria época (BAUDELAIRE, 1988, p. 174).

Se, para o poeta, “cada época tem seu porte, seu olhar, seu sorriso”, o passado torna-se plástico e o tempo, descontínuo, como as primeiras sessões de cinematógrafo já ensinavam aos espectadores. Os transeuntes são subjetividades flutuantes nos espaços da cidade, em meio a letreiros e vitrines que reúnem passado e futuro numa imagem fugaz.

O desafio de pensar as múltiplas vertentes da cidade na *Belle Époque* por diferentes ângulos é o que conecta os textos dos pesquisadores do LABELLE neste volume, interessados nas configurações urbanas e seu

tecido social, nas manifestações artísticas e/ou invenções técnicas e seus desdobramentos na arte e na cultura. Prevalece, na contribuição dos resultados das pesquisas, a ênfase na transformação dos modelos de percepção, conjugados à sensibilidade social, marcados por novas tecnologias e deflagrados pelos meios de comunicação despontados.

Parte dos ensaios delinea um roteiro para reflexões sobre a cidade ligado à noção de modernização. Armando Gens une o pensar sobre o Rio de Janeiro e a natureza com base na obra de Jane Catulle-Mendès, *La ville merveilleuse*. Maurício Silva tece considerações sobre a cidade e suas transformações, enquanto Renato Cordeiro Gomes lança luz sobre o Rio de Janeiro com base em *Sebastianópolis*, de Adelino Magalhães. Maria do Rosário Girão atenta para a modernidade demonstrando faces várias de seu perfil, suas ambiguidades, com base na representação de Paris. Ricardo Carvalho apresenta a escrita das cidades em obras de Euclides da Cunha e Joaquim Nabuco, ao trabalhar civilização e barbárie. Marcus Soares focaliza a série de crônicas “Cinematógrafo”, de João do Rio. O romance *O homem sem qualidades*, de Robert Musil, é o centro do texto de Érica Gonçalves e Guilherme Ignácio da Silva. Nele, aborda-se a maneira flutuante da cidade de Viena no romance, para chegar à visão da literatura como uma “forma de experiência” da modernidade.

Luciana Persice explora a lanterna mágica e a *vue d’optique*, instrumentos presentes literal e simbolicamente na obra de Marcel Proust. Cristina Alvares apresenta Bécassine, ao estudar a cidade e as experiências da modernidade na *Belle Époque*. A autora discute as razões de ordem econômica e cultural que justificam o lugar de consolidação da BD na imprensa, abrindo novos horizontes para o imaginário coletivo. Jean Pierre Chauvin escolhe Juó Bananére, sua adesão ao riso e o entrelugar do imigrante. Leonardo Mendes problematiza a literatura licenciosa praticada no Brasil no final do século XIX, ao ligá-la a uma vertente humorística.

O escritor Lima Barreto comparece em quatro ensaios. Carmem Negreiros investiga o processo de recorte e colagem de fragmentos de jornais utilizado pelo autor. O ato de colecionar aponta para a reorganização do ato de olhar, em sintonia com as reformas empreendidas na cidade do

Rio de Janeiro. Fátima Oliveira toma por base o “diário íntimo” de Lima Barreto, ao investigá-lo no que tange ao processo de subjetivação do autor, a seu projeto literário e a sua inserção no panorama cultural do início do século XX. Mônica Vermes apresenta um panorama da música na *Belle Époque* e estuda três crônicas de Lima Barreto ligadas ao tema. José Osmar de Melo focaliza o modernismo na ficção do autor, ao demonstrar como narrativas trazem procedimentos literários que o antecipam.

Em exposição neste livro, encontra-se a tensão e riqueza da cena artística na *Belle Époque*. Os quinze textos aqui reunidos problematizam o legado cultural e artístico do período, reinterpretando-o como forma de resistência e atualidade, porque expõem o fascínio e a força da ligação entre cidade e literatura, cidade e sensibilidade, cidade e conhecimento, cidade e subjetividades. Os ensaístas desvendam a paisagem cultural carregada de signos que alcançam nossos dias, na leitura das imagens arcaicas que já performavam o futuro, hoje, nosso presente. A par de suas contradições e riquezas, a experiência urbana continua a afetar os mais variados aspectos de nossas vidas, da arte e da cultura, diante das mudanças repentinas e dos estímulos constantemente renovados.

Carmem Negreiros
Fátima Oliveira
Rosa Gens

REFERÊNCIAS

- BAUDELAIRE, Charles. A modernidade. In: COELHO, Teixeira (Org.). *A modernidade de Baudelaire*. Trad. Suely Cassal. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- NIETZSCHE, Friedrich. *A vontade de poder*. Trad. Marcos Sinésio P. Fernandes e Francisco José D. Moraes. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.